

Categoria III

8º e 9º ano

8º e 9º ano - 1º LUGAR

Livia Gersenzon

As pandemias - o “vírus” do consumo e a COVID-19

Muitas vezes eu paro para pensar que toda compra tem uma história por trás. Pode ser, por exemplo, aquilo de “eu não tenho roupa!”. Se um morador de rua fosse até a casa do “pobre coitado” e visse todas aquelas roupas com etiqueta do seu armário, tenho certeza de que ele não pensaria o mesmo. O que adianta sair do shopping com dez sacolas e depois dizer isso? Compre uma etiqueta e ganhe uma peça junto de presente. Até parece que é isso mesmo que acontece. Principalmente quando se fala de grifes. Muita gente paga por itens luxuosos, mais por ser caro do que para usar mesmo. O que faria mais sucesso? Uma bolsa feita com materiais totalmente sustentáveis ou o novo lançamento da coleção de inverno da loja mais cara da cidade?

O vírus do consumo é basicamente como outras pessoas são influenciadas a comprarem coisas porque estão na moda, ou porque aquela atriz de Hollywood usou. O pior é quando tudo se junta, COVID-19 e o consumismo. Podem parecer duas coisas totalmente diferentes, mas elas têm uma grande ligação.

Eu, por exemplo. Estou mexendo muito mais nas redes sociais agora na quarentena do que antes, quando todos podiam sair. Muito mais informação, ao mesmo tempo que muito mais propagandas. É muito mais fácil! Arrastar para cima e clicar em finalizar compra! Obrigada, blogueira que mostrou sua vida perfeita, em uma casa de praia, usando os chinelos daquela marca, que são maravilhosos! Enquanto isso eu estou esperando há dias o chinelo que não chega. Nada disso me fez mais feliz. Só me faz mais ansiosa. Então por que ter um estoque de roupas, de canetas, de eletrônicos, se eu espero um tempão por eles e depois não os tiro da gaveta?

Qual é a graça de ficar o dia inteiro vendo fotos de vidas perfeitas, que são iguais? Todos usam a mesma maquiagem e têm o mesmo carro! E, só por isso, eu tenho que ser assim também? Às vezes paro para pensar o quão legal seria se cada

um fosse o que é realmente, quantas personalidades e cores iam aparecer! Mas agora que falei de maquiagem, apareceu uma propaganda aqui para mim... Uau! O novo batom que dura 24 horas da Kylie Jenner! Preciso de um! Na verdade, vou pegar o rosa e o vermelho! Por que só tenho 15 batons, e acho que preciso de mais, aqueles outros já estão fora de moda!

8º e 9º ano - 2º LUGAR

Giovanna Fridman Szaf

Faça sua escolha: consumo consciente ou excessivo?

Era uma vez... Não, espera! Eu não estou em um conto de fadas, aliás, todos nós estamos longe disso. Estamos mais perto de estar num filme de terror do que em um conto de fadas. Às vezes, as pessoas querem o que há de bom e melhor e se esquecem da realidade. Espera, eu tenho que abordar esse assunto mais ironicamente. Por que eu só falo palavras difíceis? Bom, vou começar de novo.

Vim por meio desta... socorro! “Vim por meio desta”?! Eu estou impressionada com o quanto essa expressão é estranha! E eu ainda uso isso?! Mas tudo bem, agora é pra valer!

Eu acho que em tempos de pandemia as pessoas não deveriam se preocupar em comprar o que veem pela frente e sim se preocupar em dar valor à vida e às coisas boas que têm! Eu sei, isso é muito subjetivo, mas é a realidade! Porém, isso não é o caso de todos.

Alguns, muitas vezes, querem consumir mais do que precisam, para ficar na moda. Mas o que não percebem essas pessoas é que acabam ficando obcecadas, e as redes sociais contribuem muito para isso, de forma negativa.

Como? É óbvio! Você está navegando em redes sociais e acha seu ídolo com uma máscara aparentemente linda. E na legenda está escrito “Você nunca quer deixar de ficar bonita, até mesmo em meio a uma pandemia? Então, compre da nossa nova linha de máscaras, com um novo método de produção, a máscara do seu estilo, para você se proteger e ainda sentir uma seda em seu rosto! Compre nosso produto por apenas R\$ 600,00 (produto disponível em nosso site)”.

Me poupe... né?! Uma máscara custar R\$ 600,00 é demais! E o pior é que tem gente que ainda compra, e não é pouca gente não! E se não fosse aquela pessoa

que você admira, vestida com esse troço na cara, ninguém compraria! Faça-me o favor!!

Eu acho que o consumo consciente faz bem, e eu, como todos nós, não viveria sem ele. Mas a partir do momento que isso começa a virar rotina, já é outra coisa. Acaba virando um consumo excessivo! E faz mal, muito mal. E quanto mais você consome sem necessidade, mais você será obcecado por aquilo! Eu prefiro valorizar as coisas boas da vida, ao invés de ficar comprando, comprando, comprando, comprando...

Antes, o anormal era ver alguém na rua de máscara, hoje, o anormal é ver uma pessoa sem ela. Porém, mais estranho do que isso, é lembrar que antes da pandemia uma máscara não devia chegar a custar R\$10,00, e, hoje em dia, chega a custar até R\$ 600,00!!

Às vezes, as pessoas têm que olhar para o que há de bom ao invés de ficar pensando em consumir cada vez mais para se sentir bem e feliz, até porque, mesmo a felicidade sendo relativa e diferente para cada um, para mim, ela vai ser sempre estar com saúde, ter família e amigos ao meu lado, mesmo virtualmente. Porque o importante da vida é aproveitar cada segundo como se fosse o último.

8º e 9º ano - 3º LUGAR

Ana Laura Katz Presch

Admirável roupa nova

Desde pequena, fui ensinada a consumir, não para me agradar ou ter algo que queria, mas para poder estar incluída na sociedade, possuindo aquilo que visualmente é aceito. Quando criança, só era possível brincar com minhas colegas se tivesse a famosa boneca loira, de longos cabelos lisos, belíssimos olhos azuis, sempre de pele clara, sem poros, espinhas ou estrias. Caso ela não estivesse comigo ou não seguisse estes padrões, quando eu perguntava se poderia brincar, a resposta era o famigerado "Não".

Atualmente, nos encontramos em um mundo onde não vestimos as roupas que nos agradam, mas sim as ditadas pela moda, em que a aparência é mais relevante que o caráter, carregando em nosso peito um nome que não nos pertence. Porém, em plena pandemia, uma grande crise vem tomando conta do planeta, pessoas lutam para manter seus empregos e tentam economizar ao máximo para poderem sobreviver. Quem seria tolo o suficiente pra gastar o pouco que ainda resta em algo "na moda"? Bom... aparentemente todos aqueles que chegam a gastar mil reais (ou mais) para comprar objetos e máscaras de grife.

Mesmo assim, no pico da Covid-19, em que parte da população luta a cada instante para poder ter a chance de sobreviver, alguns se preocupam mais com a roupa que usarão no momento de sair do que com a própria proteção, afinal de contas, o que seria uma doença comparada a nossa aparência? Também há as incríveis pessoas, incluindo famosos, que fazem o maravilhoso favor de irem a enormes festas, dando sempre bons exemplos aos seus acéfalos seguidores.

Um grandioso exemplo disso é a influencer Gabriela Pugliesi, que utiliza suas melhores roupas para poder ir a festas e fazer diversos posts, todos com estupendos "looks" compostos por roupas de diferentes marcas de grifes caríssimas, durante este momento, aproveitando para publicar tudo.

Além disso, vivemos em um universo em que, para pertencer a algo, é necessário usar, comprar e consumir. A todo momento, como Drummond diz em seu poema "Eu, Etiqueta", no trecho: "Onde terei jogado fora meu gosto e capacidade de escolher", perdemos a nossa identidade e somos modelados pelos produtos que consumimos, deixando de nos expressar, comprando peças de roupa e objetos que nem sempre são de nosso agrado, para termos a pequena satisfação do sentimento de pertencimento. Mas do que adianta tudo isso se não podemos ser nós mesmos? Deixamos de lado toda a nossa essência e passamos a ser apenas aquilo que vestimos. Somos meros pedaços de diferentes tecidos que só querem, por um único momento, pertencer a algo.

8º e 9º ano - 3º LUGAR

Leo Galantier Krasilchik

Na moda, porém infectado

Desde os primórdios de 2020, o ser humano vem tendo que lidar com um horrível problema, que, à medida que se espalha rapidamente por todo o globo terrestre, vem abalando as estruturas dos países e ganhando cada vez mais atenção. Sim! Exatamente! Ele, o Sars-cov-2, também conhecido como Coronavírus, é o assunto do momento: segundo a OMS, já foram confirmados no mundo 13.616.593 casos da doença e 585.727 mortes até 17 de julho de 2020.

Não é coincidência que vem se tornando cada vez mais comum se deparar com propagandas sobre máscaras mais eficientes (como se isso tivesse alguma coerência), como o caso companhia sueca Airinum, que vende suas máscaras grifadas ao preço de 69 a 99 dólares (aproximadamente 335 a 482 reais). O que acaba trazendo a seguinte reflexão: existe um absurdo crescimento de um novo consumismo, algo totalmente diferente do que já vimos, um novo normal, que se desenvolveu muito nesse momento embora o fechamento de shoppings, lojas e centros comerciais tenha dificultado as compras durante a quarentena.

Entre esse novo consumismo, o mercado de máscaras vem ganhando um grande destaque. Vendendo máscaras verdes, brancas, pretas, vermelhas, azuis, rosa, roxas, customizadas com estampas de heróis, 3D, grifadas, de fato, uma diversidade e criatividade absurda, as lojas acabam se adaptando ao “sonho” de aquisição dos fashionistas - “infectados, porém na moda”, como mostra a matéria da Revista Marie Claire: “Eles, consumidores, gastam mais de duzentos reais com máscaras com maior proteção ao coronavírus, que possuem cinco camadas de filtragem e ´um acabamento ultravioleta que não machuca a pele´, como no caso da própria empresa sueca”. O que faz tanto sentido quanto uma garrafa de água mineral que custa, aproximadamente, quarenta reais, da empresa VOSS, e, provavelmente, deve ser a água mais saborosa do mundo.

Ainda que tenha havido uma colossal mudança no consumo durante a quarentena, os padrões estabelecidos pela mídia social não mudaram, pelo contrário, a quarentena fortaleceu os exemplos de beleza. Não é à toa que ao utilizarmos máscaras não é possível ver nossas emoções, ou seja, se estamos sorrindo, estamos sérios, tristes, tudo está por trás da máscara. Aliás, por que se preocupar com a vida de milhões de pessoas que não conseguem ficar em casa, que não possuem máscaras nem moradia para se proteger do vírus quando é essencial passar uma boa imagem diante das outras pessoas, expondo suas luxuosas máscaras no Instagram, Facebook e outras redes sociais, mostrando o quão envoltos em riquezas e suntuosidade estão?

A partir disso é possível evidenciar o quão globalizada a cultura que prometia ser tão diferente vem se tornando, o quão igual os seres humanos estão se transformando. A mídia sustentada pelo egoísmo da população que habita o Planeta Terra cada vez mais nos controla, conseqüentemente, a máscara que usaremos em um futuro próximo, customizada pelos protótipos de encanto estabelecidas pela própria internet, custará caro à civilização.